

# Estética e Política *entre as Artes*



© Filipe Pinto

## Conceção e organização

Elisabete Marques, Emília Pinto de Almeida, Filipe Pinto e João Pedro Cachopo

## 9 de abril

**Considerações críticas sobre a noção de geo-estética**  
por José Bragança de Miranda  
**Pare, re-pare, repare melhor. O “reparar” enquanto tática e a “secalharidade” enquanto poética**  
por João Fiadeiro e Fernanda Eugénio  
Moderador: João Pedro Cachopo

## 16 de abril

**Artes e reparações do mundo**  
por Silvina Rodrigues Lopes  
**A política da forma e as suas condições**  
por António Guerreiro  
Moderadora: Mariana Pinto dos Santos

## 14 de maio

**Devagar, a poesia** por Rosa Maria Martelo  
**As artes e a formação histórica dos sentidos humanos** por Manuel Gusmão  
Moderadora: Emília Pinto de Almeida

## 28 de maio

**Arte, dispositivos e operações**  
por Maria Teresa Cruz  
**Será possível uma crítica de arte que não utilize categorias clínicas?**  
por Nuno Nabais  
Moderador: Filipe Pinto

## 11 de junho

**Música da língua, língua da música**  
por Mário Vieira de Carvalho  
**Políticas da interpretação no teatro de ópera** por Paulo Ferreira de Castro  
Moderador: Manuel Deniz Silva

## 25 de junho

**As políticas da arte e a questão dos museus** por Luiz Camillo Osorio  
**Quão subversivas serão as manchas de verdura?** por João Queiroz  
Moderadora: Elisabete Marques

Dando continuidade aos seminários realizados em 2012 e 2013, o ciclo de conferências e debates *Estética e Política entre as Artes* pretende constituir um fórum de debate sobre temas artísticos contemporâneos, incidindo especialmente sobre os aspetos estéticos e políticos da relação entre as artes (da literatura à música, passando pelas artes visuais, pelas artes performativas e pelo cinema).

O intervalo que o “entre” sinaliza permanece a característica distintiva do debate em perspectiva. Ele traduz a hipótese de que uma pesquisa sobre a política da(s) arte(s) possa encontrar um ponto de partida privilegiado numa reflexão sobre o intervalo que as separa e aproxima. Esta hipótese ganha expressividade tanto na discussão dos regimes de identificação, hierarquização, conjugação e/ou diferenciação das artes, quanto na exploração do modo como a perturbação de tais regimes pode alterar as formas de experiência e apropriação de objetos e práticas artísticas.

Ao longo de seis sessões – cada uma delas contando com duas conferências seguidas de debate –, investigadores, críticos, artistas, curadores seguirão o fio desse “entre” – em que se enleiam fenómenos de cruzamento, citação, montagem, tradução, entre outros – na senda de desvios de perspectiva acerca do que move a arte no, e contra, o presente.

**As políticas da arte e a questão dos museus: a partir de alguns casos com os parangolés de Hélio Oiticica**  
por Luiz Camillo Osorio

É sabido que desde os anos 1960, quando “Atitudes se tornaram Forma”, o estatuto das obras de arte vem passando por enormes transformações, obrigando o espectador e, conseqüentemente, os museus, a reverem seus papéis e funções. Em 1965, o artista brasileiro Hélio Oiticica leva ao Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro pela primeira vez seus *parangolés*. Junto com sambistas do morro da Mangueira – que também vestiam estas invenções que surgiram na confluência das artes visuais, da dança, da música e da *performance* – foram barrados na entrada do museu. Foi do lado de fora, entretanto, que começaram a reescrever a história da arte brasileira e o próprio funcionamento daquela instituição.

Daquele ano até o presente, vimos acontecer a incorporação e canonização destes *parangolés*. O que pretenderei abordar nesta comunicação são os desafios e riscos inerentes a este processo de institucionalização, apontando, todavia, para a importância do museu na permanência e reverberação destas poéticas efêmeras. A partir daí surgem questões que ainda procuram respostas. Como preservar a radicalidade experimental dentro de um museu? Como fazer desta contaminação entre arte e vida, tão evidente em Oiticica,

CONFERÊNCIAS QUARTAS-FEIRAS DE 9 DE ABRIL A 25 DE JUNHO · 18H30 · PEQUENO AUDITÓRIO

algo que amplie nossa compreensão da arte e não uma mera banalização da sua experiência? Que políticas são passíveis de existir no embate sempre conflituoso entre a potência experimental da arte e a domesticação institucional do museu?

**Luiz Camillo Osorio** é professor do departamento de Filosofia da PUC-Rio e Curador do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. É o autor dos seguintes livros: *Flavio de Carvalho* (2000), *Abraham Palatnik* (2004), *Razões da Crítica* (2005) e *Angelo Venosa* (2008). Fez inúmeras curadorias independentes, foi crítico de arte do jornal *O Globo* entre 1997-2007, membro do conselho de curadoria do MAM-SP entre 2007-2009, e diretor de teoria e pesquisa do MAC-Niterói entre 1997 e 2001.

## Quão subversivas serão as manchas de verdura?

por **João Queiroz**

Pã dorme na gruta. O sol está a pino. Esta é a hora mais perigosa para o animal político sair da cidade e passear pelos bosques.

As sombras profundas e os brilhos saltam para ele como objetos para os quais não tem forma, não tem palavra, nem, ao limite, visão. A vista está hiperativa à beira da cegueira. As palavras que possui, a sua gramática, não circunscrevem o fulgir que acontece. O animal político está fora do seu lugar. O homem das ideias, do discurso, do poder, fecha os olhos, não tivessem sido eles que projetaram todo este pandemônio.

Falta-nos hoje a ousadia Renascentista para imaginar um diálogo fora da História, o diálogo que se seguiria à apresentação de uma paisagem a Platão. Ente estranho cuja ideia os Deuses esqueceram e ele não poderia lembrar.

A Política tem o seu ponto de vista sobre a arte. Para ela a Arte é sempre circunscrita pela palavra, enumerável, e, em diversos graus, utilizável. Para ela a Arte é ingénuo.

Pensei a minha intervenção neste ciclo como um comentário lato e desregrado a uma passagem de um diálogo de Platão (Fedro 230b-230d), passando pelo aproveitamento artístico da estupidez de um general argentino; pela ideia curiosa de um autarca que quer justificar para si próprio a real importância das artes visuais para a

“cidade”; pelos dois versos absolutamente horizontais nessas visão abissal e vertical que é o Kubla Khan de Coleridge; pela insuspeitável vida das plantas segundo Herasmus Darwin. Voltando por fim a Platão, à visão e à ideia do que se vê, fazendo depender a resposta à pergunta que coloquei no título, da resposta a esta outra pergunta: Que espaço temos para o que não temos “nem ideia”?

**João Queiroz** nasceu em Lisboa em 1957. Licenciou-se em Filosofia pela FLUL em 1984. Entre 1989 e 2002 lecionou Desenho, Pintura e Teoria da Arte no Ar.Co. Expõe regularmente desde 1985. Em 2010, realizou, na Culturgest, uma exposição antológica do seu trabalho intitulada *Silvae*. Em 2000 foi-lhe atribuído o Prémio EDP de desenho e em 2011 o prémio AICA.

CONFERÊNCIAS QUARTAS-FEIRAS DE 9 DE ABRIL A 25 DE JUNHO · 18H30 · PEQUENO AUDITÓRIO